



**A ORIGEM DA VIOLÊNCIA DENTRO DA SOCIEDADE NA PERSPECTIVA DE  
FREUD: UM ENSAIO TEÓRICO**

*THE ORIGIN OF VIOLENCE WITHIN SOCIETY FROM FREUD'S PERSPECTIVE: A  
THEORETICAL ESSAY*

**Erica Fernandes da Silva**

Centro Universitário Faema – UNIFAEMA, Brasil

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6787-9334>

E-mail: [erica\\_fernandes\\_40@hotmail.com](mailto:erica_fernandes_40@hotmail.com)

**Submetido:** 14 maio 2023.

**Aprovado:** 5 jul. 2023.

**Publicado:** 8 ago. 2023.

**E-mail para correspondência:**

[erica\\_fernandes\\_40@hotmail.com](mailto:erica_fernandes_40@hotmail.com)

**Resumo:** A dificuldade em projetar-se no futuro pode ser vista como uma das consequências da crise de sentido vivida pela sociedade no século XX, onde as grandes narrativas que orientavam o desenvolvimento humano foram questionadas e desconstruídas. Isso pode ter gerado uma sensação de desamparo e emoção em relação ao futuro. Por outro lado, os discursos inflamados e miraculosos em curto prazo podem ser vistos como tentativas de preencher esse vazio, oferecendo soluções simplistas e imediatas para problemas complexos. Esses discursos costumam usar bodes expiatórios para canalizar a frustração e a raiva da sociedade, gerando polarização e conflito. No entanto, essa dinâmica não é apenas resultado de fatores externos, mas também está relacionada ao processo de constituição da subjetividade humana e do desenvolvimento da cultura. A violência pode ser vista como uma expressão do prazer pulsional desses discursos, ou seja, da satisfação momentânea que as pessoas experimentam ao se identificar com essas narrativas. Assim, a violência não é apenas uma questão de indivíduos ou grupos específicos, mas é um aspecto intrínseco ao processo de construção e desconstrução da civilização. Para superar essa dinâmica, é necessário cultivar uma visão mais ampla e crítica da realidade, que leve em conta a complexidade dos problemas e das relações humanas, e que seja capaz de oferecer soluções que respeitem a dignidade e a diversidade humana.

**Palavras-chave:** Violência. Totem e Tabu. Complexo de Édipo.

**Abstract:** The difficulty in projecting oneself into the future can be seen as one of the consequences of the crisis of meaning experienced by society in the 20th century, where the great narratives that guided human development were questioned and deconstructed. This may have generated a sense of helplessness and excitement about the future. On the other hand, short-term inflammatory and miraculous speeches can be seen as attempts to fill this void, offering simplistic and immediate solutions to complex problems. These discourses often use scapegoats to channel society's frustration and anger, generating polarization and conflict. However, this dynamic is not only the result of external factors, but is also related to the process



of constitution of human subjectivity and the development of culture. Violence can be seen as an expression of the instinctual pleasure of these discourses, that is, the momentary satisfaction that people experience when identifying with these narratives. Thus, violence is not just a matter of specific individuals or groups, but is an intrinsic aspect of the process of construction and deconstruction of civilization. To overcome this dynamic, it is necessary to cultivate a broader and more critical view of reality, which considers the complexity of problems and human relationships, and which can offer solutions that respect human dignity and diversity.

**Keywords:** Violence. Totem and Taboo. Oedipus complex.

## Introdução

O presente estudo é um ensaio teórico baseado na obra “Totem e Tabu” de Freud, bem como algumas bibliografias referentes à obra. Para rastrear esta revisão bibliográfica, foram utilizados os seguintes descritores: Violência, Totem e Tabu e Complexo de Édipo, além dos materiais pertinentes ao assunto e materiais publicados em português que discorreram sobre o tema da origem da violência dentro da sociedade na perspectiva de Freud. A busca de levantamento nas bases de dados eletrônicas, foram selecionadas 15 referências para leitura e como critérios de exclusão, foram selecionadas apenas 09 referências que mencionavam sobre o assunto em língua portuguesa para a elaboração do presente estudo.

A violência é um tema social que nos preocupa muito no momento presente. Vive-se uma regressão da sociedade do século XXI a uma sociedade do final do século XX, que possuía como características marcantes uma passividade melancólica diante das figuras que vivem à margem da sociedade, as quais seriam explicadas pela sua dificuldade em superar o luto de algumas ideologias do século XX. Surge uma melancolia que não permite abrir mão dessas ideologias, geradas em um processo de ruminação das mesmas. Presumidamente, duas coisas ocorreram: ou de fato a sociedade do século XXI regressou ao pensamento do final do século XX, ou esta mesma sociedade foi preservada em tal pensamento e modo de ação e disseminou sua filosofia de vida ao longo do século.

Na perspectiva psicanalítica, o que acontece é que a ausência de projetos e significações para o futuro, que se interpõem entre o momento atual e a morte, faz com que sejam abertas as portas onde alguns se aproveitam do “espaço” para disseminar discursos e ideias extremistas, que cativam os despreparados <sup>(1)</sup>. Evidentemente, é comum a inflamação



de ideias de ordem a todo custo, o que leva à abertura de caminhos para a massificação de pensamentos extremistas.

Totem e Tabu é uma obra do psicanalista Sigmund Freud, publicada em 1913, na qual o autor desenvolve uma teoria sobre a origem da cultura e da sociedade. Segundo Freud, a humanidade teria nascido de um crime, o assassinato do pai da horda primitiva, que teria sido cometido pelos filhos em um ato de rebeldia e desejo de possuir as mulheres da tribo.

Esse crime gerou sentimento de culpa e medo nos filhos, que acabaram por desenvolver rituais de expiação e solidariedade com o objetivo de se protegerem da repressão que esperavam receber do pai falecido. Esses rituais, que incluíam a preservação de um totem, a manutenção do incesto e a criação de tabus, deram origem à cultura e à sociedade como forma de garantir a sobrevivência do grupo.

Freud argumenta que a violência é uma característica intrínseca à natureza humana e que a história da humanidade está marcada por conflitos e guerras. No entanto, a civilização e seus valores morais conseguiram atenuar essa violência, criando formas mais sofisticadas de convivência social e de resolução de conflitos.

Ao descrever a origem da cultura e da sociedade, Freud oferece uma visão inovadora e provocativa sobre a natureza humana e sobre as relações sociais. Sua teoria influenciou não apenas a psicanálise, mas também outras áreas do conhecimento, como a antropologia e a sociologia. No entanto, suas ideias também foram criticadas por muitos que questionaram sua base empírica e seus fundamentos teóricos. Quando nos distanciamos desse fato, isso ocorre devido à civilização e aos valores morais que a acompanham.

Em sua obra “O mal-estar na civilização”, Freud oferece à Psicanálise uma prisma sobre as questões culturais. Para explicar a violência em sua dimensão subjetiva, isto é, concernente a cada sujeito, ele reelabora a primeira teoria pulsional, criando assim a segunda, que menciona a presença de duas pulsões: pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Thanatos) <sup>(2)</sup>. Sobre a origem da violência na sociedade pela visão freudiana, abordaremos a relação do Complexo de Édipo com a convivência e o contexto em que ocorreu, além de sua religião para a compreensão atual do fenômeno da violência neste trabalho.

### **Totem e Tabu**

A definição imposta por Freud <sup>(3)</sup> descreve sobre o horror ao incesto. O ser humano, em sua totalidade dimensional, vem da pré-história, de tempos de avanços que percorrem os



monumentos deixados, evidenciando a arte, religião e concepção de vida trazidas pelos contos e lendas. Poder-se-ia chamar o homem primitivo de selvagem, uma vez que sua vida psíquica pode ser reconhecida através de estágios anteriores à nossa própria evolução.

Em sua obra Totem e Tabu, Freud faz alusão ao processo de civilização e ao Complexo de Édipo, com o pai totêmico e a proibição do incesto. Sobre isso, Homrich <sup>(4)</sup> pontua que:

Totem e Tabu representa um ponto de convergência de todo um período de investigações: são retomados elementos da neurose obsessiva (a ambivalência e os tabus), da psicose (projeção e narcisismo) e da fobia (o sentido paterno do animal totêmico); as questões propostas tem como horizonte a função do pai, onipotente nesta temática; e o resultado do trabalho consiste em ancorar o Complexo de Édipo não apenas nas fantasias dos neuróticos, mas no ponto de origem da civilização, fundando assim, de modo mais amplo e seguro, a afirmação de sua universalidade... Por fim, Totem e Tabu corresponde a uma etapa particular na elaboração do complexo paterno do próprio Freud e, numa de suas vertentes, a um instrumento particularmente eficaz nas disputas que agitaram os primeiros anos do movimento psicanalítico, em relação ao qual Freud está em posição de Pai.

O cotejo que Freud <sup>(3)</sup> faz da psicologia diante dos povos da natureza que foram comparados pela etnografia, aos quais foram feitas analogias de povos totalmente desconhecidos pelo mundo atual, sendo um dos mais arcaicos e miseráveis, como os aborígenes da Austrália. Eles são marcados por uma linhagem, sem parentesco físico nem linguístico, sendo comparados por povos vizinhos e pelos povoados povos da melanésios, polinésios e malaios.

De maneira concisa, Freud <sup>(3)</sup> explica abaixo o significado de totem:

Mas o que é o totem? Via de regra, é um animal, comestível, inofensivo ou perigoso, temido, e mais raramente uma planta ou força da natureza (chuva, água), que tem uma relação especial com todo o clã. O totem é, em primeiro lugar, o ancestral comum do clã, mas também seu espírito protetor e auxiliar, que lhe envia oráculos, e, mesmo quando é perigoso para outros, conhece e poupa seus filhos. Os membros do clã, por sua vez, acham-se na obrigação sagrada e portadora de punição automática de não matar (destruir) seu totem e abster-se de sua carne (ou dele usufruir de outro modo). O caráter do totem não é inerente a um só animal ou ser individual, mas a todos da espécie. De quando em quando, são celebradas festas em que os membros do clã representam ou imitam, em danças cerimoniais, os movimentos e as características de seu totem.



Na concepção de Koltai <sup>(1)</sup>, Freud tem a perspectiva que o ser humano é ambivalente, dividido entre os polos do ódio e do amor, altruísmo e egoísmo, e não deve esquecer a verdadeira natureza humana em detrimento dos valores morais da civilização. Freud afirma que os valores morais perante essa civilização não devem nos fazer esquecer qual é realmente a raça/natureza humana.

Para Freud <sup>(3)</sup>, as duas leis mais importantes no totemismo diziam respeito à proibição de matar o animal totem e à proibição de relações sexuais entre membros do sexo oposto dentro do clã do totem. Freud argumentava que não se poderia matar o animal totem, pois ele era considerado um animal de poder. Caso um animal totem fosse morto, seria como se estivesse matando o pai primordial. Dentro desse clã, foram impostas leis que significavam a própria interdição em relação às duas pulsões básicas da agressividade e da sexualidade. Essas pulsões foram proibidas porque representavam ameaças e eram perigosas para a sociedade, por isso foram refreadas e impostas. Com a proibição da agressão e do incesto, Freud argumentava que a sociedade se tornava epinêmica, ou seja, uma sociedade humana que não se considerava como animais, mas sim como seres humanos, passando por uma transformação simbólica <sup>(3)</sup>. Os membros desse clã que adotavam o sistema totêmico não podiam se casar entre si, seguindo a lei que proibia tanto a exogamia quanto o casamento entre parentes.

Xavier <sup>(5)</sup> descreve, de maneira clara, no trecho abaixo como a humanidade deve ser, abrindo a possibilidade de consenso de ação, ouvindo a todos, reprimindo a violência e tornando-se ativo na comunidade política:

A humanidade deve ser continuamente criada, em cada ato e cada palavra, em cada indivíduo que escolhe fomentar não a violência ou o domínio, mas a ação conjunta e expressa que nos torna autores e humanos, e que tece a comunidade política.”

Segundo Lopes <sup>(6)</sup>, Kant diz que o mal se origina do mau uso da mente humana. Devido ao livre arbítrio que o ser humano possui, ele tem a possibilidade de usar a mente de acordo com suas pretensões e suas vontades. Logo, o uso perverso da mente humana é responsável pelos atos de maldade. O conceito de radicalidade se dá pela raiz do problema estar no uso maldoso da mente.

Aqueles que eram expulsos da horda primitiva pelo pai primevo se sentiam fracos sozinhos. Desse modo, os vencidos e expulsos se reuniram em um grupo para serem mais



fortes juntos, com a intensão de mostrarem-se capazes de elimina-lo. Malcher <sup>(7)</sup> faz alusões que os filhos insatisfeitos matam o líder e canibalizam seu corpo como forma de obter seu poder, de identificarem-se com ele. A partir dessa canibalização do corpo, o autor conclui que o pai primevo indica que o acesso ao gozo junto às fêmeas só é concebido a partir do lugar do líder, parecendo imprescindível a identificação àquele que ocupava o lugar de exceção, lugar que conduziu ao de inimigo, chegando-se à insígnia final, morto <sup>(7)</sup>.

### **A relação do Complexo de Édipo para a convivência em sociedade**

A relação do Complexo de Édipo com a convivência em sociedade está relacionada à forma como as crianças lidam com seus conflitos e pulsões agressivas durante o desenvolvimento. Segundo a teoria freudiana <sup>(3)</sup>, todas as crianças passam por uma fase em que desenvolvem sentimentos conflituosos em relação aos pais, especialmente em relação ao pai ou à mãe do sexo oposto, o que é conhecido como Complexo de Édipo.

O Complexo de Édipo é um processo necessário para o desenvolvimento do indivíduo, pois é a partir desse processo que se definirá a estrutura da personalidade, podendo tornar-se neurótica ou psicótica. Esse momento é crucial para a constituição da subjetividade do menino e da menina, explicando a origem da identidade sexual como homem ou mulher, bem como os possíveis sofrimentos neuróticos <sup>(8)</sup>.

Laplanche e Pontalis <sup>(9)</sup> definem o Complexo de Édipo como:

Conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afetivo, parcial ou totalmente inconscientes. Um complexo constitui-se a partir das relações interpessoais da história infantil; pode estruturar todos os níveis psicológicos: em ações, atitudes e comportamentos adaptados.

De forma geral, Laplanche e Pontalis <sup>(9)</sup> compreendem o Complexo de Édipo como a enamoração do filho pela mãe e da filha pelo pai. Durante essa fase, as crianças podem sentir ciúme, inveja e mesmo desejo sexual pelos pais, o que pode gerar um conflito interno que precisa ser elaborado de forma saudável. A trama se daria pela disputa da criança pela atenção do objeto de desejo (pai ou mãe) com o outro genitor, que funcionaria como um interdito ao incesto e inicialmente seria alvo do ódio da criança. Deste modo, se as crianças não conseguem lidar adequadamente com esses sentimentos, podem desenvolver



comportamentos agressivos e violentos, o que afetaria significativamente sua capacidade de conviver em sociedade.

Sobre isso, Laplanche e Pontalis <sup>(9)</sup> pontuam:

O Complexo de Édipo é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Essa representação pode inverter-se e exprimir o amor pelo genitor do mesmo sexo e o ódio pelo do sexo oposto. Chama-se Édipo à primeira representação, Édipo invertido à segunda, e Édipo completo à mescla das duas. O Complexo de Édipo aparece entre os 3 e os 5 anos. Seu declínio marca a entrada num período chamado de latência, e sua resolução após a puberdade concretiza-se num novo tipo de escolha de objeto.

Dessa forma, a relação do Complexo de Édipo com a convivência em sociedade é fundamental para entendermos como os conflitos e pulsões agressivas podem afetar nossa capacidade de conviver em harmonia. É importante aprendermos a lidar com esses sentimentos de forma saudável e construtiva.

Entretanto, para o autor Nasio <sup>(8)</sup>, há uma significação no Complexo de Édipo para além da constituição sexual (não retirando a importância desta), mas abarcando um significado cultural que nos dá uma compreensão maior a respeito do processo civilizatório. Passar pelo Complexo de Édipo possibilita um controle dos desejos. Toda a criança tem a mãe como a primeira relação objetal. O Édipo vai sinalizar que ele precisa esperar, que não é senhor do mundo. Aprender-se a contornar o gozo, tolerar a frustração <sup>(8)</sup>.

Quando adentrar na sociedade, o princípio que passa a operar é o de realidade, onde o indivíduo precisa aguardar a vez sempre, lidar com a frustração. Para isso, é necessário que se tenha uma estrutura neurótica, que possui o princípio de realidade introjetado, devido a elaboração adequada do Complexo de Édipo, instalando de forma eficiente o Superego, que é responsável pela culpa e leis morais. Totem e Tabu relaciona-se com o Complexo de Édipo da seguinte forma: o pai primevo é aquele que interdita o incesto, não permitindo que os filhos da horda se relacionem com as mulheres da própria tribo. Esses filhos, então, se unem e tramam um plano que logo executam, matam o pai primevo e, sem as leis que operavam com este, ocorre um grande alvoroço. Tomados pela culpa, decidem então erguer um totem no meio da tribo que representaria esse pai assassinado <sup>(7-8)</sup>.

Em reumo, a passagem do concreto para o simbólico é o que viria a marcar o início da civilização. A narrativa é exatamente o conflito edípico que as crianças vivem, o desejo de



tirar o pai da relação, esquivando-se da interdição do incesto que este impõe e a conseqüente culpa sentida posteriormente. A culpa e o princípio de realidade são instalados pelo Superego, decorrente da adequada passagem do Complexo de Édipo, conseguindo controlar as pulsões agressivas, sexuais e egóicas, possibilitando assim uma convivência em sociedade <sup>(4)</sup>.

### **Considerações Finais**

A melancólica na sociedade do século XX sentia dificuldades em se projetar no futuro, o que é algo essencial no desenvolvimento humano e preenche o espaço entre o presente e a morte. Discursos inflamados e milagrosos a curto prazo apropriam-se do momento e da característica da sociedade, bem como colocam a culpa em bodes expiatórios, causando assim grande violência. A violência é decorrente de uma liberação pulsional e do processo de constituição da subjetividade humana e do processo de desenvolvimento da cultura. A violência é resultante do gozo pulsional dos discursos e se constitui em seu processo de construção e desconstrução da civilização.

Há uma teoria na psicanálise de Freud que busca entender a origem da violência na sociedade. Para explicá-la, usamos a história de Édipo como referência mencionada no texto. De acordo com essa teoria, todas as crianças passam por uma fase em que desenvolvem sentimentos conflituosos em relação aos pais, especialmente em relação ao pai do sexo oposto. Essa fase é chamada de Complexo de Édipo, batizado a partir do mito grego de Édipo, que matou seu pai e se casou com sua mãe. Em síntese, Freud propõe que tais emoções de conflito e desejo durante a infância podem influenciar na forma como as pessoas lidam com a violência na sociedade ao se tornarem adultos.

Freud argumenta que o Complexo de Édipo é uma fase natural do desenvolvimento humano, mas que pode se tornar patológico se não for resolvido. Quando uma criança é capaz de lidar com seus sentimentos de forma saudável, ela consegue superar o Complexo de Édipo e estabelecer relações de afeto e respeito com seus pais. No entanto, quando esses sentimentos não são processados, a criança pode desenvolver comportamentos violentos e agressivos, que podem persistir na vida adulta.

Para Freud, a violência na sociedade está relacionada à incapacidade de lidar com os conflitos e as pulsões agressivas que surgem durante a fase do Complexo de Édipo. Essa incapacidade pode ser resultado de fatores culturais, como a repressão de impulsos sexuais e agressivos, ou de traumas individuais, como abuso e negligência na infância.





A compreensão da visão freudiana sobre a origem da violência na sociedade está na sua capacidade de oferecer uma explicação complexa e multifacetada sobre um fenômeno que é tão presente e preocupante na vida contemporânea. A teoria do Complexo de Édipo e sua intuição para a convivência podem ajudar a compreender o trauma psicológico e social que leva à violência, permitindo uma abordagem mais abrangente e humanizada desse problema. Além disso, a visão freudiana pode ajudar a entender a importância da educação emocional e do cuidado com as relações familiares para a prevenção da violência na sociedade

Neste estudo foram expostos alguns exemplos de violência relacionados ao totem e tabu, que podem ser decorrentes da agressividade enraizada na humanidade. O estudo ainda menciona que o amor pode, sim, unir os homens; no entanto, é necessário que alguém (ou alguns grupos) fique de fora, visto que a eles será destinada a agressividade que une o grupo.

A realização do estudo é de suma importância para a compreensão do fenômeno social da violência. Durante os estudos, compreendeu-se ainda mais a relevância do Complexo de Édipo para a formação da personalidade e sexualidade, mas não tão somente a isso; percebeu-se também sua importância fundamental para a convivência em sociedade e para a tolerância à frustração, que se faz muito necessário para os dias atuais. Totem e Tabu foram temas importantes para a elaboração deste estudo, tornando possível assimilar ainda mais o conhecimento adquirido diante da leitura a respeito da origem da violência na perspectiva freudiana, proporcionando, assim, um fator agregador ao repertório.

### Referências

1. Koltai C. Violência e indiferença: duas formas de mal-estar na cultura. São Paulo Perspec [Internet]. 1999;13(3):76–80. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88391999000300010>.
2. Teixeira MA. A violência no discurso capitalista: uma leitura psicanalítica. A Sephallus, 2008;3(5).
3. Freud S. Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras; 2012.
4. Homrich ACB. O conceito de superego na teoria freudiana. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo; 2008.
5. Xavier M. Arendt, Jung e Humanismo: um olhar interdisciplinar sobre a violência. Saúde e sociedade. 2008;17(3):19–32.



6. Lopes AJ. Arendt contra Freud: a banalidade do mal contra a radicalidade do mal. *Estud. psicanal.*, 2014;(42):15-30.
7. Malcher F, Freire AB. Laço social, temporalidade e discurso: do totem e tabu ao discurso capitalista. *Ágora (Rio J)* [Internet]. 2016;19(1):69–84.
8. Nasio, Juan-David. Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar; 2007.
9. Laplanche J, Pontalis JB. Vocabulário da psicanálise. Trad. Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes; 2001.



**10.31072/rcf.v14i2.1284**

Este é um trabalho de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.



**Open Access**